

A música como possibilidade afetiva diante dos terrores e traumas da pandemia

Weliton Cristian Santos da Silva¹

Sonia Regina Vargas Mansano²

Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Na tessitura deste artigo, buscamos analisar a importância da arte musical na elaboração afetiva dos eventos traumáticos da pandemia. Vimos ao longo de 2020, que profissionais da música, devido ao isolamento social, utilizaram-se dos meios eletrônicos para fazerem suas performances. Com isso, metodologicamente, realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo documental, na qual foram selecionadas quatro lives disponíveis na plataforma Youtube cujo intuito foi analisar as reações do público por meio dos comentários. Ao final do estudo, será possível concluir, que a música potencializou a elaboração das dores e das tristezas de tal contexto, produzindo novas sensibilidades e a construção de um corpo afetivo que colocou a vida em um espaço de alento mesmo que momentaneamente.

Palavras-chave: pandemia; terror; trauma; música.

SANTOS DA SILVA, Weliton Cristian; MANSANO, Sonia Regina Vargas. **A música como possibilidade afetiva diante dos terrores e traumas da pandemia.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (28): 521-536, janeiro a abril de 2025. ISSN: 2358-5587

¹ Psicólogo. Pós-graduando na Residência em Saúde Mental na Autarquia Municipal de Saúde de Apucarana/Paraná. Pesquisa realizada com bolsa de IC pelo CNPq.

² Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL. Bolsista Produtividade do CNPq – N2.

Music as an affective possibility in the face of the terrors and trauma of the pandemic

Abstract: In the texture of this article, we seek to analyze the importance of musical art in the affective elaboration of the traumatic events of the pandemic. Throughout 2020, we observed that music professionals, due to social isolation, used electronic means to carry out their performances. Methodologically, qualitative documentary research was conducted, in which four live performances available on the Youtube platform were selected, with the aim of analyzing the audience's reactions through comments. At the end of the study, it will be possible to conclude, that music indeed enhanced the processing of the pains and sorrows of this context, while also generating new sensitivities and the endurance of a minimal affective connection that brought solace to life, even if momentarily.

Key words: pandemic; horror; trauma; music.

La Música como posibilidad afectiva ante los terrores y trauma de la pandemia

Resumen: En el tejido de este artículo buscamos analizar la importancia del arte musical en la elaboración afectiva de los eventos traumáticos de la pandemia. Vimos a lo largo de 2020 que los profesionales de la música, debido al aislamiento social, utilizaron medios electrónicos para presentarse. Con eso, metodológicamente, se realizó una investigación cualitativa de tipo documental, en la que se seleccionaron cuatro *lives* disponibles en la plataforma de *Youtube*, cuya finalidad fue analizar las reacciones del público a través de los comentarios. Al final del estudio, se podrá concluir que, en efecto, la música potenció la elaboración del dolor y la tristeza en tal contexto, a la vez que produjo nuevas sensibilidades y la permanencia de un cuerpo afectivo mínimo que situó la vida en un espacio de aliento, aunque momentáneamente.

Palabras clave: pandemia; horror; trauma; música.

Em dezembro de 2019, iniciou na cidade de Wuhan, na China, uma epidemia de casos cujos sintomas eram, até então, clinicamente semelhantes ao vírus da influenza. Pouco tempo depois, entretanto, descobriu-se que esses casos eram decorrentes de uma nova linhagem do coronavírus denominado de SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19. Devido à falta de conhecimento sobre o funcionamento, manifestação, rapidez de contágio e letalidade da doença, o vírus foi se alastrando rapidamente pela China, atravessando as fronteiras da Europa e Ásia até chegar, finalmente, em todos os continentes. Diante disso, no dia 11 de março de 2020, foi decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) o *status* de pandemia mundial.

Este fato não é inédito. Do ponto de vista histórico é possível constatar surtos de doenças altamente contagiosas desde os primórdios da humanidade. Dentre elas, destaca-se a Peste Negra que ocorreu entre 1348 e 1351 dizimando, segundo historiadores, um terço da população ocidental, além de trazer sérias consequências para o laço social (RICON-FERRAZ, 2020). Já no início do século XX, logo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Gripe Espanhola dizimou cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo, três vezes mais do que a própria guerra (KIND e CORDEIRO, 2020). É possível ainda mencionar outras pandemias e epidemias manifestadas nos últimos séculos como: Febre Amarela, HIV, Ebola e MERS.

Pela sua rápida expansão planetária, o cenário de uma pandemia acaba sendo alvo de diferentes estudos. É o caso da presente pesquisa que delineou como objetivo analisar a importância da arte musical na elaboração afetiva dos eventos traumáticos da pandemia. Para tanto, foi percorrido o seguinte trajeto: na parte teórica, buscou-se analisar como a pandemia deu visibilidade a questões de ordem relacional e afetiva que acirraram as diferenças econômicas acarretando desdobramentos nas diferentes esferas da vida organizada. Diante dos traumas e terrores, geradores dos mais diversos sofrimentos, a segunda parte da pesquisa deu visibilidade à arte musical como uma estratégia afetiva de enfrentamento da dor gerada pelo distanciamento social, sensação de solidão, mudanças de rotinas e medidas sanitárias restritivas.

O diferencial do presente estudo foi dar visibilidade a uma esfera específica da vida cotidiana atentando para iniciativas de contato e elaboração afetiva da experiência pandêmica em esferas microsociais. Algumas iniciativas, valendo-se da arte musical, serviram de alento na travessia de um momento difícil da história mundial dando relevo, especialmente, ao contexto brasileiro. Ao final desta investigação, será possível mostrar que alguns componentes de subjetivação foram produzidos e colocados em circulação nesse contexto que, marcado por contaminação e óbitos, gerou terrores e traumas. Concluímos, então, que a pandemia abriu possibilidades de aprendizagem sobre a organização social que rege a vida coletiva, configurando-se como um desafio cujos desdobramentos afetivos ainda demandam atenção e esforço para serem elaborados e superados.

A pandemia e seus efeitos de terror e trauma

A pandemia do novo coronavírus denunciou algumas especificidades do nosso tempo como os problemas sociais decorrentes da globalização capitalista. Apesar da existência de outras epidemias e pandemias ao longo da história que, de acordo com Fassin (2021), foram inclusive mais letais do que a que estamos aqui analisando, chamou a atenção a velocidade de sua propagação planetária. A vulnerabilidade coletiva foi evidenciada pelo fato de um único vírus ser capaz de colocar em questionamento nossas relações com o trabalho, a família, o corpo e a fragilidade humana frente à força da natureza.

Isso leva inevitavelmente a um debate sobre o modelo de sociedade que construímos ao longo da história e o que está em vigor neste momento. É imprescindível considerarmos a cartografia sociocultural que rege nossos modos de vida que, por sua vez, está ancorada no colonialismo e, sobretudo, no modelo de produção capitalista. Este sistema, que Guattari (2012) irá chamar de Capitalismo Mundial Integrado (CMI), fundamenta-se na hiperexploração da vida em diferentes sentidos: trabalho, relações sociais, subjetividade e natureza. Em nome do desenvolvimento econômico exploram-se os recursos naturais e humanos como se fossem inacabáveis.

A pandemia abriu uma possibilidade de análise crítica sobre o tipo de vida que estamos construindo, evidenciando a demanda pela identificação e atenção dirigida às suas marcas e às práticas políticas de enfrentamento das adversidades. As medidas sanitárias de distanciamento e isolamento social foram relevantes para impedir o avanço do vírus. Ainda assim, de certo modo, uma parcela da população brasileira adotou uma posição de ceticismo e negacionismo em relação à gravidade da pandemia e aos discursos da ciência. Apesar dos efeitos adversos, essa atitude não foi generalizada, sofrendo variações nas diferentes regiões do nosso país (NICOLELIS, 2021).

No cenário de isolamento, muitas atividades cotidianas tiveram de ser rapidamente reestruturadas. A principal delas foi a utilização de tecnologias de comunicação para estabelecer o contato social, afetivo e laboral. Foi aí que as atividades profissionais começaram a ser realizadas por meio do denominado *home office* e a retomada das atividades educativas das instituições escolares ou acadêmicas voltaram-se para o uso da internet. Com isso, as relações afetivas de contato social, tão características do povo brasileiro que são permeadas cotidianamente por práticas de proximidade como beijos e abraços, perderam-se totalmente. A esterilização sanitária dos ambientes e das relações fez com que saísse de cena aquilo que é caracteristicamente nosso: a expressão corporal dos afetos. Tal cenário trouxe, portanto, um empobrecimento da vida em sua dimensão afetiva, social e, também, psíquica.

Diante dessas restrições, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) apontou um aumento de 82% na busca por atendimento psicológico e psiquiátrico durante a pandemia (BLAZZI, 2021). Dentre as principais manifestações clínicas estavam a depressão e a ansiedade. Além disso, foi possível perceber com frequência a presença de pacientes em ambulatórios (principalmente com falta de ar) acreditando estarem contaminados com o SARS-CoV-2, mas que, de fato, apresentavam sintomas de ansiedade. É o que constatou Birman (2021: 140): “muitos pacientes angustiados procuraram os hospitais durante a pandemia, por acreditar firmemente que estariam acometidos pelo novo Coronavírus, em decorrência da falta de ar que lhes acossava”.

Isso leva a considerar os impactos da pandemia para além das questões biológicas, mas, sobretudo, uma reação psíquica frente a esse contexto de terror, disseminado em função do alto número de casos e óbitos. Ante as manifestações clínicas intensificadas no contexto pandêmico, Birman (2021), argumenta o quanto a pandemia causou experiências de ordem traumática. Buscando a etimologia da palavra trauma encontra-se sua origem grega que significa ferida. Por outro lado, no campo psicológico, o trauma pode ser entendido como: “Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001: 522).

A pandemia do novo coronavírus pode ser entendida, nessa perspectiva, como um acontecimento de grande magnitude que afetou os modos de vida e, como consequência, produziu feridas e traumas de diferentes intensidades. Frente ao temor da morte propagado pela falta de possibilidade de um tratamento realmente efetivo, a ausência de vacinas acessíveis nos primeiros anos e, ainda, à falta de políticas de enfrentamento, produziu-se uma sensação de desamparo. A população ficou exposta àquilo que Birman (1998: 137), referido à Freud (1930), descreve como “desamparo originário” que dá contornos a um mal-estar que persiste na vida em sociedade. Ao experimentar esse mal-estar o sujeito constata que “precisa do Outro para se produzir e reproduzir permanentemente enquanto tal” (BIRMAN, 1998: 137). A constatação do desamparo e da interdependência durante a pandemia desencadearam uma série de sofrimentos. Nas palavras de Birman (2021: 136): “Sem saber com quem contar para lhe proteger, o sujeito se sente entregue ao acaso e ao indeterminado, assim como ao que é arbitrário na existência, em que tudo de pior pode lhe acontecer, afetando, então, os diferentes registros do real e do psiquismo”. Ainda segundo o autor, na experiência do desamparo há uma tendência a antecipar o perigo a fim de que o psiquismo possa se preparar para enfrentar o mal anunciado. Assim, “o sujeito ainda acredita que pode apelar às instâncias alteritárias, que poderiam lhe proteger da incidência virótica potencialmente mortal” (BIRMAN, 2021: 135).

Levando em consideração que o contexto de desamparo instalado na pandemia expôs a população mundial em uma experiência traumática, Birman (2021; 2022) descreve algumas formações sintomáticas emergentes na esfera social. Para o autor, foi “a partir dessa infraestrutura traumática que as diferentes formações sintomáticas se ordenaram no sujeito” (BIRMAN, 2021: 140). Dentre estes sintomas estão a ansiedade, a depressão, os atos compulsivos, a melancolia, o suicídio, o uso de substâncias lícitas e ilícitas, bem como, em uma vertente coletiva, o aumento da violência doméstica. Por outro lado, apesar da intensificação destas formações sintomáticas que, de fato, potencializaram o sofrimento, desenvolveram-se na pandemia práticas de conexão e encontro com a finalidade de criar outros territórios existenciais que sustentassem uma vida afetiva minimamente preservada diante da catástrofe. Foram dispositivos sociais capazes de trazer alento e serenidade, mesmo que momentaneamente. Neste sentido, muitos se dedicaram a desenvolver novas habilidades, como aprender um novo idioma, explorar espaços virtuais de encontros e diálogos, decorar o interior de suas casas e estabelecer um contato mais direto com as artes, especialmente a musical, foco deste estudo (MANSANO e ROOSLI: 2021).

Diante dos teatros e palcos fechados devido a necessidade do isolamento, as performances musicais ganharam uma nova configuração. As sacadas dos condomínios viraram o próprio palco. Além disso, viu-se em 2020 a intensificação de

fenômenos como as *lives* feitas para transmitir *shows* por meio de plataformas digitais. Estas buscavam, de certo modo, trazer o palco para dentro das próprias casas e, portanto, propiciar algum conforto às famílias e aos grupos sociais que estavam impactados pela nova realidade social imposta pelas restrições sanitárias.

Nesse cenário, alguns artistas musicais intensificaram suas produções e atraíram a atenção sensível de algumas pessoas que buscaram ouvir músicas como forma de enfrentar o contexto pandêmico. Uma pesquisa realizada pela plataforma de *streaming* Deezer apontou que 30% dos usuários ouviram música para lidar com a solidão da pandemia (BARRETO *et al.*, 2021). Diante disso, pode-se dizer que a música se tornou uma estratégia significativa para o enfrentamento da pandemia. De modo geral, a música pode ser definida como: “a arte de manifestar os diversos afetos da nossa alma, mediante ao som” (PRIOLLI, 1983: 6). A música apresenta-se, então, como a linguagem que permite expressar as intensidades vividas.

Não por acaso, Deleuze e Guattari (1997) irão se utilizar das artes como um todo, mas em especial da música, para fazer articulações teóricas a respeito da vida. Para tal, desenvolvem uma rede conceitual que busca abarcar as ideias de diferença e multiplicidade, valendo-se também de conceitos emprestados do léxico musical como o de ritornelo, ritmo, ressonância, dissonância, melodia e timbre. Essa perspectiva de análise apresenta um modo de pensar ancorado na noção de devir, em oposição à tradição filosófica clássica que funda o pensamento na noção de ser. Segundo os autores, “não nos interessamos pelas características; interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, povoamento” (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 20). Isso implica uma concepção específica de subjetividade. Para esses autores, a subjetividade está sendo produzida constantemente e, portanto, sempre em transformação, sendo agenciada como uma máquina social, uma vez que ela “funciona de modo maquínico e processual, como efeito dos agenciamentos de enunciação onde se operam todas as supostas estruturas” (LIRA e MARCOS, 2018: 14).

Atentos à maquinação da existência, Deleuze e Guattari mostram como se dá a produção dos ritornelos, os quais lhes servirão para pensar os territórios afetivos. Na música, o ritornelo existe para indicar a repetição de um determinado momento da música. A partir da repetição, encontra-se uma potência capaz de ocupar certo território. Para Lira e Marcos (2018: 15): “Na música, o ritornelo repete, mas é nessa repetição onde se encontra a potência de produção de novas ênfases, de modo que elas inscrevam uma diferença na repetição”. Repetindo e diferindo, os ritornelos acionam processos de elaboração afetiva que são colocados em curso nas canções e na vida.

Quando pensamos especificamente na experiência pandêmica, o contato com a música e seus ritornelos de diferença e repetição, pode ser considerado uma estratégia vital que foi utilizada para enfrentar os traumas e terrores causados por essa experiência extrema. Em parte, isso se deveu ao fato de que a arte musical possibilita o contato direto com afetos múltiplos que vão da tristeza à alegria, percorrendo uma multiplicidade de intensidades que nem sempre encontram palavras nas representações vigentes. Diante do sofrimento, foram montados mapas afetivos possíveis de serem percorridos na companhia das canções e dos artistas. Por meio da música, foram abertos caminhos para criação de novos territórios existenciais e subjetivos capazes de dar novos sentidos, mesmo que provisórios, para o contexto catastrófico da pandemia. Cabe destacar que algumas *lives* foram orientadas pelo retorno econômico como estratégia alternativa aos *shows* de

grande mobilização financeira que não puderam ser realizados, configurando-se, para uma parte dos profissionais da música, um nicho de mercado emergente. É pertinente considerar também que, em alguma medida, tais *lives* podem ser compreendidas como dispositivos de mercado que favorecem o consumo de música e mantêm relação direta com a indústria cultural, cuja característica é o ineditismo e a comercialização. Araujo e Cipiniuk (2020: 193) destacam: “Os sistemas de patrocínio, divulgação e circulação destes eventos online, reproduziram de forma muito similar o que ocorre nas apresentações ao vivo, ou seja, o monopólio da indústria cultural de massa”.

Dito isso, cabe, então, escutar os artistas que se colocaram à frente dessa experiência para fazer a música chegar a quem foi impedido de acessar os *shows* e mesmo as rodas de música instaladas em espaços públicos de bares, restaurantes e festas. Como mencionado ao longo desta pesquisa, foram desenvolvidos vários dispositivos com o objetivo de levar os *shows* para dentro das residências, dentre eles as transmissões simultâneas através das denominadas *lives*. Atento a isso, buscaremos, na sequência, analisar a importância da música na elaboração afetiva da pandemia.

Trajetória metodológica

Antes de avançar, cabe apresentar algumas informações sobre a trajetória metodológica percorrida. Com a exigência do isolamento social imposta pela pandemia do novo coronavírus, os artistas, especialmente ligados à música, tiveram de reinventar estratégias para divulgar seus trabalhos. Os palcos que outrora eram presenciais tomaram novas configurações e espaços. Foi assim que vimos emergir e serem difundidas as denominadas *lives*. Trata-se de uma transmissão em tempo real dos *shows* em que os artistas, desde suas casas ou estúdios, fazem suas performances e os espectadores podem assisti-los de qualquer lugar por meio das plataformas digitais.

Diante desse cenário onde detectamos conexões entre pandemia e música, optou-se por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa cuja estratégia foi a de pesquisa documental. Os documentos escolhidos para análise foram as *lives* que estivessem sob domínio público. Como unidade de análise foram escolhidas quatro *lives* de cantores e cantoras que fazem parte da denominada Música Popular Brasileira (MPB). Essa escolha baseou-se em quatro critérios: a história de vinculação da população brasileira com a MPB expressa no reconhecimento de sua importância política e histórica em nosso país, fato que a coloca em lugar de destaque na mídia fonográfica desde sua criação; sua capacidade de atingir a um público diversificado de segmentos sociais como sexo, faixa etária, localização geográfica e classe social; os conteúdos analíticos da expressão poética dos artistas escolhidos, que vinculam em suas canções a importância dos afetos e laços sociais; bem como o momento em que as *lives* foram ao ar (entre os meses de maio e dezembro de 2020). As *lives* selecionadas para este estudo foram de Renato Teixeira, Adriana Calcanhotto, Milton Nascimento e Gilberto Gil.

O foco da seleção e análises dos dados esteve na interação que o público estabeleceu com as transmissões realizadas naquele momento crítico. Foram selecionados fragmentos de comentários dos artistas e dos ouvintes conectados às *lives*. Nas análises, buscou-se evidenciar os depoimentos expressos em forma de comentários que evidenciam os afetos trazidos pelo contato com a música enquanto possibilidade afetiva de contato, elaboração e superação, ao menos parcial, dos terrores e traumas da pandemia.

Análise dos resultados: a potência afetiva da música

Começamos as análises pela *live* de Renato Teixeira, transmitida no dia sete de junho de 2020 e que obteve 47 mil visualizações e 43 comentários. A transmissão se caracteriza pelo estilo do próprio cantor que tem vivido na zona rural brasileira e que traz em suas canções histórias cotidianas e simples sobre esse contexto. Diante a seleção musical apresentada, as reações do público foram diversas:

Emoção a cada minuto! Que voz deliciosa, que doces melodias. (...)
Renato canta maravilhosamente, suave, transmite paz e desperta grandes emoções com suas obras. (...)
Valeu Renato. Tô em casa contigo cantando. (...)
“Que linda e intimista apresentação, muitas histórias de vivência e as trilhas musicais que fizeram parte dela, show! (...)
“Muito legal. Voz deliciosa e boa música que nos invade e nos faz reviver lembranças boas” (TEIXEIRA, 2020)

A *live* de Renato Teixeira foi capaz de capturar, mesmo que por um curto tempo, a atenção do espectador do momento catastrófico e de terror à medida que trazia canções que diziam de um mundo possível. Chama a atenção o fato de o cantor estar conversando a todo o momento com o espectador, mesmo que de modo remoto. A cada música cantada há uma pausa para contar histórias sobre a vida no campo e fazer homenagens a amigos, deixando entrever uma intimidade compartilhada. Em um dos momentos, por exemplo, a interação é feita com o seu cachorro presente no estúdio. Compartilhar a intimidade em meio ao isolamento instalado mostra a tentativa de criar outro espaço de interação que evoca a sensibilidade e a acolhida. Nota-se, nesse caso, a potencialidade da música para abrir espaços de experimentação de afetos no público. Nas palavras de Penha (2019: 10), a arte

Captura, dá consistência composicional e nos dá novas paisagens e lugares a ver ou ouvir, e novos modos de afetar e ser afetado a sentir. Ele cria espaço-temporalidades inéditas que possibilitam a experimentação de novas sensações ao fazerem com que algo salte ou escape das ordens habituais, dominantes e comuns das afecções.

O convite a experimentar esses afetos aparece quando Renato Teixeira conversa com seu público sobre a pandemia: “a música surte bons efeitos, principalmente nesse momento que estamos de quarentena e revisando coisas de nossas vidas, podendo pensar um pouco sobre nós mesmos. Ofereço essa música para todos aqueles que se encontraram”. Ao abordar a pandemia de forma delicada e trazer cenas do cotidiano de outrora, esta *live* possibilitou a expressão de afetos tanto acolhedores quanto difíceis, mostrando que a vida é um complexo de afetações díspares que ora compõem e ora decompõem os encontros (DELEUZE e GUATTARI, 1997). Vale destacar, que neste estudo, compreendemos o afeto como algo que acontece no corpo e que, a depender da sua potência de afetar e ser afetado, produzem variações nos modos de sentir e se conectar com as experiências. Nas palavras dos autores:

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 43)

Quais possibilidades de conhecer o corpo e os afetos se abriram no contexto pandêmico? Os noticiários, as estatísticas de casos e óbitos, o isolamento e as perdas constantes, tanto dos entes próximos, quanto dos momentos marcados pela presença, abriram espaços para o contato com uma série de afetos tristes. Estes diminuem a potência de agir, desdobrando-se em desânimo, medo e dor. Para Azevedo (2020: 150), tais afetos “indicam que há certo modo de vida que se desmancha, há algo de uma experiência que se perde e que, de certo modo, deseja-se recuperar, buscando-se estratégias de ‘voltar à vida que se tinha antes’”. Em uma perspectiva de favorecer o contato e a elaboração dos afetos tristes, entendemos as *lives* aqui analisadas como uma prática oportuna.

O contato com a música pode ser considerado uma estratégia de enfrentamento dos traumas e das crises subjetivas geradas. Os depoimentos demonstram que as *lives* foram capazes de auxiliar no resgate de afetos e encontros que, mesmo com poucos espaços de expressão em sua dimensão de alegria e expansão vital, foram relevantes para o enfrentamento da situação instalada. Elas abriram novos caminhos à medida que auxiliou no traçado de uma travessia mais sensível, delicada e que acolheu as angústias, pânico e terrores gerados pela precariedade de conhecimento inicial sobre as medidas efetivas de combate ao vírus e de uma vacina (BRUM, 2020). Daí os depoimentos que expressam a tentativa de construir um mundo possível apesar da evidência de uma terra arrasada pela pandemia. Além disso, durante o isolamento social, muitos tiveram que estar sozinhos, distantes de seus entes e de suas atividades cotidianas rotineiras (BIRMAN, 2021). O contato com as músicas e as histórias contadas pelo cantor possibilitou práticas de encontro que trouxeram uma sensação de proximidade, mesmo que à distância, como ficou explícito no comentário “estou em casa contigo”.

A *live* apresentada por Adriana Calcanhotto foi realizada no dia 23 de maio de 2020 com 344 mil visualizações e 694 comentários. Neste caso, a interação dos ouvintes foi mais consistente e a temática da pandemia apareceu com uma maior precisão. A própria cantora, em alguns momentos, fez comentários sobre o contexto atual, conscientizando sobre a importância do isolamento social. Dizem os espectadores:

Assistir Adriana Calcanhoto sozinha em meu quarto, me fez esquecer toda essa loucura de notícias ruins e mergulhei gostoso nessa poesia linda da música que nos faz tão bem. Muito obrigada! (...)

“É impossível descrever a paz que eu sinto ao te ouvir cantando essas músicas. (...) Maravilhoso te escutar, até esqueci que estamos neste turbilhão de tristezas. Obrigada Senhor por você Adriana, existir para nos acalmar com sua voz e suas canções. (...)

Em meio a uma crise de ansiedade, obrigada por acalmar com sua música. (...)

Uma das melhores lives para nos acalmar nesse isolamento. Com você não estou sozinho! (CALCANHOTTO, 2020)

Os desdobramentos afetivos da pandemia ficaram mais pontuados nesta *live*. Valendo-se de termos como loucura, paz, tristeza, ansiedade e isolamento, os espectadores expressam minúcias em meio às quais atravessaram a experiência, bem como a relevância de manter contato com os artistas. Cabe assinalar, ainda assim, que formações sintomáticas mais graves acometeram a população gerando um problema de ordem pública (BIRMAN, 2021). Um contingente significativo de pessoas compareceu aos postos de saúde com falta de ar achando estar contaminado, mas, de fato, tratava-se de ansiedade ou algo correlacionado. Pesquisas realizadas indicam que a ansiedade foi o transtorno com a maior incidência na pandemia da Covid-19, sendo registrado, também, um aumento significativo nos casos de depressão e pânico (GAMEIRA, 2020).

Apesar disso, o agradecimento da espectadora sobre “acalmar com sua música” deixa entrever a potencialidade trazida pela *live* para lidar com a crise instalada. A música na pandemia foi capaz de mobilizar os campos sociais e subjetivos, o que possibilitou o extravasamento de afetos aprisionados em tristeza e potencializou a produção de afetos alegres, por meio dos quais foi possível construir, ainda que momentaneamente, um território comum de conexões (AZEVEDO, 2020). Vale lembrar que o movimento de territorialização é marcado pela consolidação de um lugar seguro para viver. Discorrendo acerca da territorialização, Guattari e Rolnik (1986: 323) dizem:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos.

Indissociáveis da produção dos territórios acontecem também os constantes momentos de desterritorialização, que abalam e difundem a sensação de insegurança. Gilberto Gil coopera para compreender esse movimento ao dizer, na canção Drão: “Tem que morrer para germinar”. No caso da pandemia, a territorialidade foi ameaçada e marcada por um incessante morrer e germinar que aconteceram em um campo afetivo limítrofe que oscilou entre o terror e o desalento, mas com a possibilidade colocada de produzir uma vida afetivamente sustentável. Vale ainda lembrar que as canções, como um ritornelo que se repete e difere, possibilitaram os processos de elaboração da experiência vivida e foram capazes de criar um território existencial-afetivo-subjetivo (DELEUZE e GUATTARI, 1997). A repetição de canções que compõem a memória afetivo-musical dos espectadores possibilitou, em alguma medida, a identificação e elaboração dos afetos tristes que estavam circulando no social, abrindo caminhos para acolher e elaborar o terror vivenciado e servindo para “nos acalmar nesse isolamento”, como dito por um espectador. A música, transmitida nas *lives*, serviu como um refúgio territorial de aconchego.

A quantidade de público desta *live*, bem como mobilização de espectadores por Milton Nascimento e Gilberto Gil, confirmam a pesquisa feita por Barreto *et al.* (2021) que mostra o índice de 30% dos usuários da plataforma *Deezer* que ouviram música para lidar com a solidão da pandemia. Ao mesmo tempo, reforçam a importância de os cantores estarem próximos de seus ouvintes apesar da ausência da relação presencial entre o palco e a plateia de um *show*. Em meio à crise econômica instalada entre os profissionais das artes, em especial do campo musical, as *lives* tiveram a função de criar canais de aproximação entre artistas e público, favorecendo uma entrada diferenciada nos lares (OLIVEIRA, 2021).

Milton Nascimento realizou uma *live* no dia 28 de junho de 2020, batendo a marca de quase 1,2 milhões de visualizações e 2.013 comentários. Como as demais *lives*, foi possível constatar a força da voz e do fazer-se presente desse artista. Milton não faz nenhuma menção à pandemia, permaneceu sentado o tempo todo, com as mãos trêmulas, executando canções que, de certa forma, já estão no imaginário popular e são capazes de evocar lembranças e afetos significativos para cada um. É o que constatamos nos comentários:

A live foi a coisa mais linda dos últimos meses. Meses difíceis. Sou médica e os tempos são sombrios. Mas hoje foi belo! (...)
Impossível não se emocionar. As lembranças irem longe. As palavras, as melodias. Parece que cada música traz de volta algum momento bom e gostoso da nossa vida. (...)

*Um dos maiores momentos de acalanto nesse momento triste. (...)
Mais de dois anos depois do início da pandemia, que gerou tantas perdas, muita tristeza e lá naquele tempo ele nos brindou com tanta poesia, amor e carinho. (...)
É como se as lágrimas conseguissem enxugar as tristezas e renovasse a esperança. (...)
A Paz e a Esperança chegaram aqui através desta Live! (NASCIMENTO, 2020)*

Destacamos nesta *live* o uso de palavras como: paz, esperança, carinho, belo e amor. Diante da sensação de desamparo frente ao índice de óbitos, bem como a ausência de tratamento e vacina, aqui também as canções funcionaram como estratégia para enfrentar esta situação. Ainda que Nascimento não tenha mencionado a pandemia, sua música e voz foram capazes de convidar o público a acessar histórias cotidianas de um tempo longínquo e acreditar que tudo iria passar. É o que notamos nas participações do público que menciona os tempos sombrios, as lembranças, o momento bom e gostoso, as perdas, as lágrimas e a paz. A memória afetiva trazida pelas canções executadas nessa *live* dispararam o compartilhamento de sensações díspares. Vale notar que a potência da voz e da história do cantor culminam na acolhida do público remoto, sensível ao momento triste. Para Deleuze e Guattari (1997: 21), a potência do afeto, que pode vir de situações diversas, envolvendo inclusive um tom de voz ou um enunciado, coloca em cena a “efetuação de uma potência”. O contato com os afetos, quando suficientemente fortes, “subleva e faz vacilar o eu”, lançando o corpo em outras sensações. Entendemos o alento como algo capaz de trazer algum tipo de alívio diante da experiência traumática vivida e continuada (BIRMAN, 2021).

O contato com a música produziu esse alento para alguns espectadores, seja pelas melodias ou pela memória de suas letras. Cantoras como Maria Bethânia e Adriana Calcanhotto produziram canções que abordavam o momento presente. A sambista Mart’nália em sua música ‘novo normal’ reflete sobre o mal-estar gerado pela pandemia dizendo: “Não vejo a hora de o mal ir embora/ e a gente sair, meter a cara no mundo/ e da cara do mundo a máscara cair”. Na transmissão apresentada não foi diferente, Milton trouxe vitalidade a um momento devastado pelas consequências dos terrores e traumas colocados pela pandemia, o que foi reconhecido nos comentários de seu público.

A *live* realizada por Gilberto Gil e família em 26 de junho de 2020 ocorreu em comemoração ao seu aniversário. A transmissão teve um clima festivo e obteve cerca de 1,5 milhões de visualizações e com 1.467 comentários. Nesta *live*, o cantor acaba dialogando mais com seu público e dizendo em alguns momentos sobre a importância de seguir as medidas de segurança sanitária exigidas pelas autoridades de saúde, como o uso de máscaras, álcool em gel e o distanciamento social. Os espectadores mostravam sua sintonia com o momento difícil comentando:

*Em uma época de tanto ódio e ressentimentos, que bálsamo para nossa alma que é a presença de Gilberto Gil. (...)
Chorando muito de alegria e gratidão de longe, mas me sentindo muito perto de Gilberto! Viva o grande mestre Gilberto Gil! Grande momento, bravo! (...)
Hoje domingo 28/06 continuo dançando, três dias de alegrias por sua causa. (...)
Gil muito amado, obrigado por massagear nossa alma e fazer-nos lembrar de que somos mais do que essa tristeza. (...)
Maravilhosa a live, se tem algo de bom nessa quarentena definitivamente é a possibilidade de viver esse momento, muito obrigada pela generosidade! (...)
Chorei no dia da Live. Chorei agora revendo. (...)
Isso é Música para curar o mundo. (GIL, 2020)*

A participação do público reiterou algumas questões levantadas neste estudo, como a de se sentir perto mesmo que longe, evocando a dor das distâncias

colocadas pela pandemia. Palavras como bálsamo, gratidão, alegrias, generosidade e cura deixam entrever a conexão com afetos que podem vir a precipitar processos de elaboração ante a tristeza que, em larga dimensão, ganhava a cena naquele momento. Como se sabe, o choro é uma potente ferramenta que possibilita o contato com a dor e, quando acolhido de modo analítico, sua elaboração. A música mostrou sua potência para desencadeá-lo. Novamente vemos que o contato com a música é capaz de afetar das mais variadas formas e criar diferentes territórios. Deleuze e Guattari (1997: 123) dizem que “o território seria o efeito da arte”, tal qual a alegria relatada que perdurou por dias. A música, por meio das *lives*, apresentou-se como uma pausa alternativa a esse cenário marcado por tristeza e possibilitou o contato com outros territórios construídos pela memória afetiva da dança, da risada, da leveza e do alívio, ainda que momentâneos.

Azevedo (2020: 153) chama a atenção para possibilidade de acolher os encontros precipitados na pandemia em sua pluralidade de afetações. Referida à obra de Deligny, a autora irá utilizar a ideia de “corpo mínimo”, isto é, o “gesto mínimo de um corpo em sua singularidade de afetar e ser afetado pelo mundo”. Dito de outro modo é relevante a busca de uma condição mínima do corpo “que carrega camadas de sensibilidade ainda desconhecidas” (AZEVEDO, 2020: 151) nas quais possam florescer novos modos de vida. O desafio colocado está em criar expressões para o corpo mínimo que perpassam gestos sensíveis e conservem a memória afetiva dessa condição mínima de corpo. A música, neste caso, foi uma aliada no acesso a esse corpo sensível, à medida que possibilitou o contato com variações afetivas, resgatando memórias afetivas de um cotidiano sem vírus. Em alguma medida, ela trouxe vida, ou mesmo oxigênio, a este corpo afetado.

Os depoimentos aqui expostos mostram que o contato com as *lives* foi capaz de possibilitar um mergulho em outras sensações, o que possibilitou um resgate mínimo das condições vitais de sensibilidade, fazendo com que o corpo sensível permanecesse vivo. Pode-se dizer, assim, que o encontro com a música produziu “linhas de fuga” (DELEUZE e GUATTARI, 1997: 18) que, diante um cenário tomado pela catástrofe, convidou à outras “formas de expressão” do vivido. A música ocupou o interior das residências contagiando, ainda que momentaneamente, com os mais variados afetos. Isso serviu para produzir modos de subjetivação socialmente compartilhados e capazes de fazer essa dura travessia de modo um pouco mais leve.

Considerações finais

A pandemia do novo coronavírus lançou a humanidade em um campo problemático que possibilitou questionar os modos de vida aos quais estamos aderindo neste momento da história. Em meio a essa possibilidade analítica, ela evidenciou que a onipotência do humano é, em larga medida, fruto do discurso propalado pelo próprio sistema capitalista. O vírus enquanto peste, associado às dificuldades iniciais de uma imunização em escala planetária e de um tratamento eficaz, causou marcas nos corpos que lançou a coletividade em um contexto traumático. Diante disso, o presente estudo chegou a algumas considerações.

Primeiro, constatamos a existência de dispositivos sensíveis, afetivos e relacionais que possibilitaram a travessia desse momento difícil da história mundial. Vimos na arte, em especial na música, a possibilidade de resgatar ou mesmo mobilizar afetos e sensibilidades parcialmente suprimidos pela brutalidade do contexto pandêmico.

Segundo, ficou perceptível a necessidade de aprofundar os estudos da psicologia mantendo uma atenção especial às intensidades e aos afetos que circulam tanto no corpo social quanto nas existências particulares. Para isso, vimos que as artes são grandes aliadas e podem contribuir para expansão da vida. Como disse Deleuze (1993: 78), na obra *Crítica e Clínica*, “há sempre uma trajetória na obra de arte”, o que remete a considerar que ela atualiza a potência de deixar marcas afetivas no corpo com seu percurso intensivo. Os depoimentos expostos ao longo da pesquisa demonstram as memórias musicais e as expressões de alento que o contato com a arte musical possibilitou.

Por fim, consideramos que a experiência aqui analisada levanta novas questões para estudos futuros, dentre as quais demarcamos a importância de estudos interdisciplinares que deem visibilidade a uma política dos afetos. Daí a relevância de conectar as análises da Psicologia Clínica, sensível as composições entre o social e os afetos, com os estudos da Antropologia Social que ressalta a relevância de contextualizar dos problemas emergentes. Ao mesmo tempo, pensando no contexto pandêmico, novos estudos de cunho interdisciplinar podem indagar sobre quais outros componentes de subjetivação foram produzidos e que pediram passagem em um contexto tomado pela dor compartilhada. Fazer da experiência pandêmica uma possibilidade de aprendizagem é o desafio que ao mesmo tempo finda o presente estudo e lança a novas investigações.

Recebido em 16 de agosto de 2023.

Aceito em 5 de outubro de 2024.

Referências

- ARAUJO, Mayra Terra Maluf; CIPINIUK, Alberto. O entretenimento online – a sociedade espetacular das lives nos tempos de pandemia. *Revista Interdisciplinar Art & Sensorium*, 7 (2), 2020.
- AZEVEDO, Adriana Barin de. Como narrar o corpo mínimo? *Criar Educação*. 9 (3), 2020.
- BARRETO, Ana Luíza. *et al.* Refúgios musicais se multiplicam em meio à pandemia. *Veja*, Rio de Janeiro, fev. 2021.
- BIAZZI, Renato. Procura por atendimento psicológico e psiquiátrico nos serviços da prefeitura de SP mais do que dobra na pandemia. *G1*, São Paulo, fev. 2021.
- BIRMAN, Joel. O Mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova

do social. *Physis: Revista Saúde Coletiva*, 8 (1): 123-144, 1998.

BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BIRMAN, Joel. Trauma, subjetivação e governabilidade na pandemia do coronavírus. *Tempo Psicanalítico*, 54 (1): 189-202, 2022.

BRUM, Eliane. A marcha dos mortos. *El país*, São Paulo, 2020.

CALCANHOTTO, Adriana. Em casa com o Sesc. *Youtube*, 23 mai. 2020.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FASSIN, Didier. "The Moral Economy of Life in the Pandemic". In: *Pandemic Exposures: Economy and Society in the Time of Coronavirus*. Chicago: Hau Books, 2021.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21. Imago, 1974 (1930).

GAMEIRA, Nathália. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia. *Fiocruz*, Brasília, 2020.

GIL, Gilberto. São João em Araras: *Gilberto Gil e Família*. *Youtube*, 26 jun. 2020.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Ed. 21. Papirus, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a Covid-19 no Brasil. *Psicologia e Sociedade*. 32, 2020.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIRA, Patrícia Oliveira; MARCOS, Yasmin Janaína Ferreira. A subjetividade a partir da reflexão filosófica de Deleuze e Guattari. *Perspectiva Filosófica*, 45 (2), 2018.

MANSANO, Sonia Regina Vargas; ROOSLI, Ana Claudia Barbosa da Silva. "Cenas de uma Pandemia: agenciando Encontros, Experimentando Afetos". In: TORRES, Ana Cristina et al. (orgs.). *Diálogos sobre a docência universitária: desafios e superações do Grupo de Estudos de Práticas em Ensino (GEPE)*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

NASCIMENTO, Milton. Num domingo qualquer, qualquer hora. *Youtube*, 28 jun. 2020.

NICOLELIS, Miguel Angelo Laporta. "O Comitê Científico de Combate ao Coronavírus (C4) do Consórcio Nordeste e a pandemia de covid-19 no Brasil". In: *Planejamento e Gestão*. Brasília, DF: Conselho Nacional de Secretários de Saúde, 2021.

OLIVEIRA, Mauricio. Covid vai mudar de vez hobbies e lazer? *Portal UOL*, São Paulo, jan. de 2021. Acesso em: 13 abr. 2024.

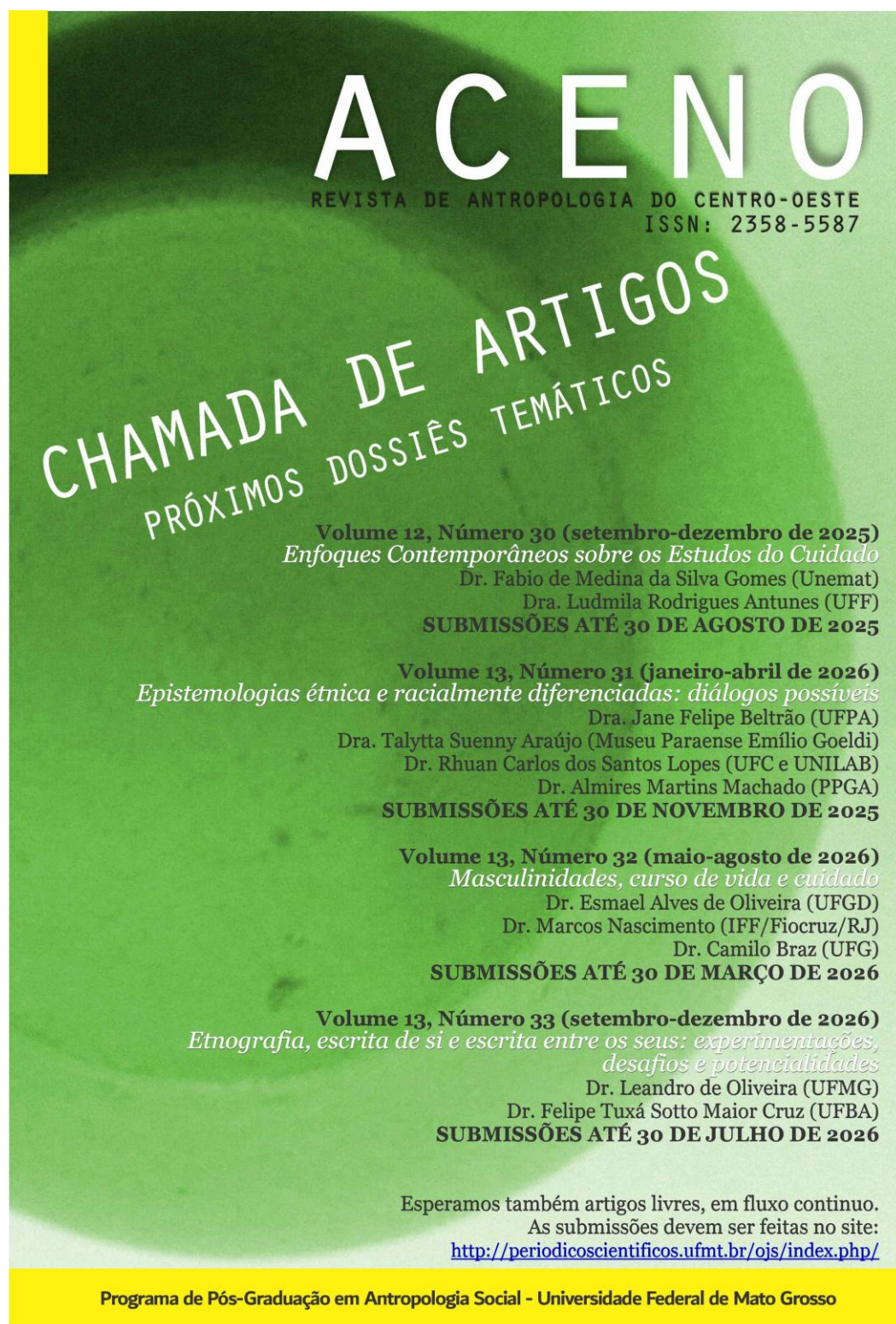
PENHA, Gustavo Rodrigues. Música e produção de afetos. *Vórtex*, 7 (1), 2019.

PRIOLLI, Maria Luísa de Mattos. *Princípios básicos da música para a juventude*. Casa Oliveira de músicas LTDA, 1983.

RICON-FERRAZ, Amélia. As grandes pandemias da história. *Revista de Ciência Elementar*, 8 (2), 2020.

TEIXEIRA, Renato. Em casa com o Sesc. *Youtube*, 7 jun. de 2020.

SANTOS DA SILVA, Weliton Cristian; MANSANO, Sonia Regina Vargas.
A música como possibilidade afetiva...



ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS PRÓXIMOS DOSSIÊS TEMÁTICOS

Volume 12, Número 30 (setembro-dezembro de 2025)
Enfoques Contemporâneos sobre os Estudos do Cuidado
Dr. Fabio de Medina da Silva Gomes (Unemat)
Dra. Ludmila Rodrigues Antunes (UFF)
SUBMISSÕES ATÉ 30 DE AGOSTO DE 2025

Volume 13, Número 31 (janeiro-abril de 2026)
Epistemologias étnica e racialmente diferenciadas: diálogos possíveis
Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA)
Dra. Talytta Suenny Araújo (Museu Paraense Emílio Goeldi)
Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFC e UNILAB)
Dr. Almiros Martins Machado (PPGA)
SUBMISSÕES ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 2025

Volume 13, Número 32 (maio-agosto de 2026)
Masculinidades, curso de vida e cuidado
Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD)
Dr. Marcos Nascimento (IFF/Fiocruz/RJ)
Dr. Camilo Braz (UFG)
SUBMISSÕES ATÉ 30 DE MARÇO DE 2026

Volume 13, Número 33 (setembro-dezembro de 2026)
Etnografia, escrita de si e escrita entre os seus: experimentações, desafios e potencialidades
Dr. Leandro de Oliveira (UFMG)
Dr. Felipe Tuxá Sotto Maior Cruz (UFBA)
SUBMISSÕES ATÉ 30 DE JULHO DE 2026

Esperamos também artigos livres, em fluxo contínuo.
As submissões devem ser feitas no site:
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso